

Segunda parte: Ontologia crítica do Presente

A Ontologia histórica de nós mesmos deve responder a uma série aberta de questões, ela se relaciona com um número não definido de pesquisas que é possível multiplicar e precisar tanto quanto se queira; mas elas responderão todas à seguinte sistematização: como nos constituímos como sujeitos de nosso saber; como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem as relações de poder; como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações.

Michel Foucault, *What's the Enlightenment?*

1. “Qual é o campo atual das experiências possíveis?” – A filosofia como reflexão sobre os limites que podemos transpor

Com efeito, a via do pensamento filosófico na qual Foucault se inscreve constituiu uma tradição crítica diferente daquela que “coloca a questão sobre as condições de possibilidade de um conhecimento verdadeiro”, diferente, pois, da tradição crítica que desenvolveu “como uma analítica da verdade”¹. O prolongamento da “atitude crítica” concentrada na questão da *Aufklärung* tenta responder a um outro tipo de pergunta: “O que é nosso presente? Qual o campo atual das experiências possíveis? Esta não é uma analítica da verdade; mas o que podemos chamar de uma ontologia

¹ FOUCAULT, M. *What's the Enlightenment?*, p. 37.

crítica do presente, uma ontologia de nós mesmos”. O trabalho do pensamento, o exercício intelectual, a via requerida para abordar essas perguntas é a realização permanente da atitude de modernidade, do *ethos* de modernidade.

Buscando um redimensionamento da atitude crítica kantiana, Foucault volta o seu olhar para a noção de modernidade em Baudelaire. Este giro conduz claramente ao que Foucault vai entender por atitude: “um modo de relação com a realidade contemporânea, uma escolha voluntária feita por certas pessoas, finalmente um modo de ação e de comportamento que, simultaneamente, marca uma relação de permanência e se apresenta a si mesma como uma tarefa.”². Este giro implica uma espécie de estilística da vida que, essencialmente, se pratica como uma tarefa intelectual. Uma tarefa concebida como um permanente ensaio sobre a história do nosso próprio presente e experiências e suas novas possibilidades. Esta atitude é “um exercício no qual a atenção extrema que se concede ao que é real se confronta com a prática de uma liberdade que, simultaneamente, respeita e viola essa realidade”³.

Esta tarefa intelectual possui dois níveis distintos e, na interação de ambos, um se localiza a “atitude limite”. O primeiro nível do *ethos* moderno foucaultiano consiste na “na análise histórica dos limites que nos são impostos”⁴. Uma análise que toma a forma de indagações com sua coerência teórica” (a definição das formas únicas históricas nas quais as generalidades das nossas relações com as coisas, com os outros e com nós mesmos têm sido problematizadas) e com sua coerência metodológica (o estudo genealógico e arqueológico das práticas vistas, simultaneamente, como um tipo de racionalidade tecnológica e como jogos estratégicos de liberdade).

O segundo nível dessa “atitude de modernidade” concerne às experiências, necessariamente arriscados “para dar novos ímpetus, tão longe quanto for possível, a tarefa indefinida da liberdade”; tais experimentos são responsáveis por “uma crítica prática que toma a forma de uma possível transgressão”⁵ de limites para ir além deles. Nesse nível, a *praxis* intelectual pode entender-se como uma investigação ética”.A

²FOUCAULT, M. op. cit. p.39.

³ *Ibid.*, p.41.

⁴ *Ibid.*, p.50.

⁵ *Ibid.*, p.45.

liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma deliberada, assumida pela liberdade.”⁶.

Esta atitude limite da tarefa intelectual proposta por Foucault é a construção frágil, obstinada e paciente de uma “vida filosófica” na qual os dois níveis apresentados se mantêm em permanente relação. Uma vida filosófica que reafirma a coragem histórica evocada por Kant em sua definição da *Aufklärung*; a “reflexão crítica frente às técnicas abusivas de governo” e a “investigação ética que permite a fundamentação da liberdade individual”⁷. Finalmente, a “atitude de modernidade” foucaultiana, a atitude limite e o *ethos* moderno, propõe a busca de “uma estética da existência” frente ao desaparecimento da idéia “de uma moralidade como obediência a um código de regras”⁸. Em nosso presente, essa busca só é possível na vida filosófica e por meio do trabalho concreto do intelectual. Através da análise que ele conduz em seu próprio campo, questionar o que se tem postulado como evidente por si mesmo, perturbar os hábitos mentais das pessoas, a maneira como fazem e como pensam, dissipar o que resulta familiar e aceitável, submeter ao exame as regras e as instituições sob a base de sua re-problematização. Esta é, para Foucault, a tarefa específica do intelectual.

⁶ FOUCAULT, M “L’ethique du souci comme pratique de la liberté”, in *Dits et écrits*, v.IV, p. 712.

⁷ *Ibid.*, p. 728.

⁸ FOUCAULT, M. “Une esthétique de l’existence”, in *Dits et écrits*, v. IV, p. 732.